

A Contribuição do *Arthashastra* de Kautilya para as Guerras Híbridas.

Moreno de Queiroz Figueiredo¹

Resumo: Diversos fatores têm impulsionado os atores do cenário internacional a atuar de forma silenciosa, evitando a escalada para um conflito armado. Esse fenômeno, chamado de guerra híbrida ou ameaças híbridas, tem suscitado debates pelo mundo. O objetivo deste artigo é apresentar um documento, escrito há mais de 2.300 anos, que já sinalizava a necessidade de emprego de ações silenciosas como parte de uma política externa ativa. Kautilya escreveu sua obra, o *Arthashastra*, durante a construção do império Maurya. Sua estratégia baseava-se na instrumentalização de ferramentas econômicas, sociais e políticas para alcançar os objetivos imperiais, preocupando-se em atuar nos governos, interno e externos. Dessa forma, por meio de uma metodologia baseada em uma pesquisa bibliográfica e documental, pretende-se responder a seguinte pergunta-problema: o *Arthashastra* de Kautilya possui alguma contribuição ao debate atual sobre Guerras Híbridas? Ao resgatar essa importante personagem histórica, este artigo evidenciou a relevância atemporal desse importante estrategista indiano.

Palavras-chave: Guerra Híbrida; *Arthashastra*; Kautilya.

The contribution of Kautilya's *Arthashastra* to Hybrid Warfare.

Abstract: Several factors have driven actors on the international stage to act silently, avoiding the escalation into an armed conflict. This phenomenon, called hybrid warfare or hybrid threats, has sparked interest and debate around the world. The objective of this article is to present a document, written more than 2,300 years ago, which already signaled the need to employ silent actions as part of an active foreign policy. Kautilya wrote the *Arthashastra*, during the construction of the Mauryan empire. His strategy was based on the instrumentalization of national tools to achieve imperial objectives, focusing on acting on the internal and external government. Through a methodology based on a bibliographical and documentary research, we intend to answer the following question: does Kautilya's *Arthashastra* have any contribution to the current debate on Hybrid Wars? By rescuing this important historical character this article highlighted the timeless relevance of this important Indian strategist.

Keywords: Hybrid Warfare; *Arthashastra*; Kautilya.

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Estudos Marítimos (PPGEM/EGN). Mestre em Estudos Internacionais Estratégicos-Militares pela Universidade de Turim (Itália).

INTRODUÇÃO

“Comparado ao *Arthashastra* de Kautilya,
O *Príncipe* de Maquiavel é inofensivo”.

Max Weber.

Este artigo pretende resgatar um documento milenar escrito na Índia antiga e que ainda pode contribuir para a formulação de estratégias contemporâneas e reflexões, especialmente no contexto das guerras híbridas². Hoje, alguns Estados têm atuado de forma silenciosa por meio de uma variedade de formas, incluindo guerra de informações, guerra econômica e financeira, apoio a *proxies*³ e o uso de ferramentas políticas e ideológicas para promover seus interesses sem entrar em conflitos declarados. Ao estudar um documento de mais de 2.300 anos, percebe-se como Kautilya já empregava algumas dessas técnicas na Índia antiga e como algumas delas podem ser úteis aos desafios contemporâneos.

Apesar de ainda ser pouco conhecido, o *Arthashastra* de Kautilya tem angariado interesse entre os estudiosos de Estratégia, Política, Geopolítica e Relações Internacionais. Além de Max Weber (1978), citado na epígrafe acima, Henry Kissinger (2014) afirmou que Kautilya seria a combinação de Clausewitz e Maquiavel. Para Gérard Chaliand (1994), o *Arthashastra* de Kautilya deve ser visto como um dos maiores tratados político-estratégicos do mundo antigo. Heinrich Zimmer (1967) defendeu que Kautilya teria escrito a primeira antologia atemporal sobre política, economia, diplomacia e guerra. Alguns, como Roger Boesche (2002) chegaram a afirmar que Kautilya teria sido o primeiro grande realista político do mundo.

Kautilya viveu na mesma época de Alexandre, o Grande, e foi o principal conselheiro do imperador indiano Chandragupta Maurya (317–293 a.C.), o guiando na unificação do subcontinente indiano⁴. Juntos, criaram o Império

² Para efeito desta pesquisa, o conceito de guerra híbrida, que será ampliado nas próximas seções, será entendido como o mais abrangente, presente nos trabalhos de Bartles (2016), Cohen (2015), Fridman (2018), Galeotti (2023), Hoffman (2007), Korybko (2015), Liang e Xiangsui (2017), Mcfarlan (2021) e Patriota (2023) A próxima seção apresentará uma proposta de unificação do conceito.

³ O termo *proxy*, ou “por procuração”, é usado para definir o apoio que atores externos a um conflito dão a um dos lados combatentes. As guerras por procuração permitem que um ator possa interferir em uma região de forma indireta.

⁴ Para efeitos deste artigo, o termo “subcontinente indiano” consiste da Índia, Paquistão, Bangladesh, Afeganistão, Butão e Nepal.

Maurya que era maior em dimensão que o Império Britânico na Índia, estendendo-se do Afeganistão à Bengala.

Nesse processo de conquista e consolidação do Império Maurya, Kautilya registrou sua experiência e ensinamentos na obra *Arthashastra*. Segundo Vinay Vittal (2011), o *Arthashastra* é a essência da arte de governar, cujo foco deve ser sempre a segurança e o conforto das pessoas do Estado – a palavra *artha* significa bem-estar material, em sânscrito, e *shastra* significa ciência. Kautilya argumentava que a riqueza da nação está no seu território e nas pessoas que seguem uma variedade de ocupações específicas.

O próximo capítulo terá como objetivo específico ambientar o cenário histórico e cultural em que Kautilya realizou sua obra. Em seguida, no terceiro capítulo, os fundamentos teóricos que orbitam o fenômeno das guerras híbridas serão apresentados, fundamentando este estudo. Na sequência, o quarto capítulo analisará a aplicabilidade do *Arthashastra* no contexto contemporâneo será analisada, especialmente no que tange às guerras híbridas. Analogamente, como será mostrado nas próximas seções, a dinâmica geopolítica durante a expansão do império Maurya era de multipolaridade, com diversos reinos disputando prestígio e poder (Vittal, 2011). Kautilya, ao dividir a guerra em três tipos (aberta, traiçoeira e silenciosa), apresentou diversos conceitos aplicáveis, também, ao contexto híbrido do século XXI (Mirza e Babar, 2020).

Por fim, visando a responder o problema de pesquisa proposto, pretende-se demonstrar que o *Arthashastra* fornece uma estrutura para o pensamento estratégico que encontra aplicabilidade mesmo depois de 2.300 anos. Como argumenta Vittal (2011), o *Arthashastra* é verdadeiramente uma antologia de sabedoria política e pode orientar os decisores políticos na consolidação do poder do Estado através da regulação interna de crises e do controle estratégico das relações exteriores.

2 - A ÍNDIA DE KAUTILYA

A antiga civilização indiana, um fascinante mosaico de culturas e reinos moldados desde 1.500 a.C. com a ocupação da bacia do rio Ganges, é notável pelas 16 casas reais (*Mahajanapadas*) que governaram o subcontinente indiano até o século III A.C. (Figura 1). De forma a melhor ilustrar o mundo em que viveu Kautilya, cabe uma breve contextualização dessa dinâmica multipolar, que segundo Kissinger(2014), se assemelha à Europa pré-Vestfália.

Figura 1 – As 16 Casas (*Mahajanapadas*) da Índia antiga no ano 500 A.C.



Fonte: Purohit (2022).

A similaridade apontada por Kissinger diz respeito ao equilíbrio de poder entre essas casas, resultando em constantes disputas e alianças. Esse foi, também, um período bastante relevante para a cultura indiana uma vez que foi nesse contexto que se estima tenha sido escrito o poema épico *Mahabharata*⁵. Para Kissinger (2014), esse poema pode ser comparado à Bíblia e aos épicos de Homero devido à extensão de sua influência naquela sociedade. O *Mahabharata*, que significaria algo como o Grande Bharata⁶, narra a história desse relevante personagem indiano que seria o grande patriarca da dinastia protagonista do épico. Apesar de o Hinduísmo não ter uma autoria mítica, não havendo um fundador específico, essa série de hinos, lendas, romances épicos e rituais foram, ao longo dos séculos, sedimentando a religião no subcontinente.

Em um desses territórios, chamado de Taxila⁷ e localizado a Nordeste do atual Paquistão, ficava o melhor e mais disputado centro de educação superior da época. Todas as famílias que queriam complementar os estudos de seus herdeiros, os mandavam para o internato em Taxila (Patrick, 2015). Entende-se

⁵ Um episódio desse épico se chama *Bhagavad Gita* e é, por si só, um dos clássicos da cultura indiana. Nessa obra, provocações sobre a relação de moralidade e poder são apresentadas aos personagens. Tamanha é a relevância desse capítulo, que Mahatma Gandhi viria a exaltar o *Bhagavad Gita* como seu dicionário espiritual (Kissinger, 2014; Easwaran e Calif, 2007).

⁶ Em diversos documentos indianos o próprio nome do país é referenciado como *Bharat*, em homenagem ao patriarca.

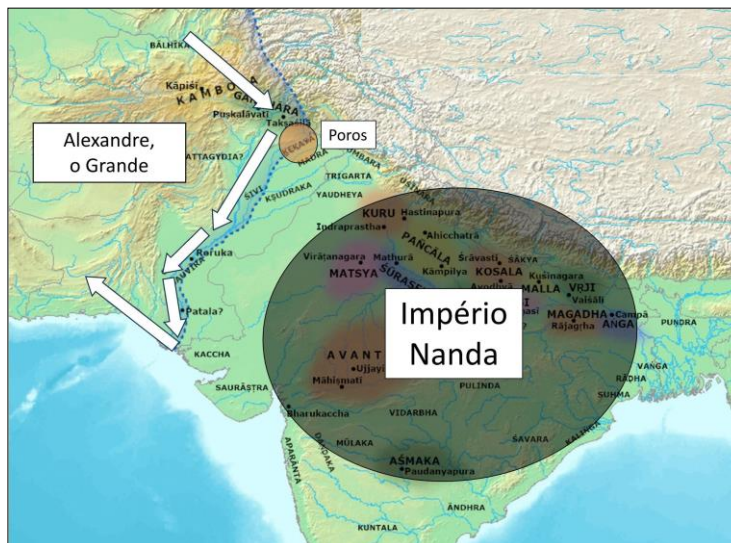
⁷ Na Figura 1, essa cidade aparece próxima a casa *Gandhara*, com o nome de *Taksasila*, a Noroeste do mapa. Para efeitos deste artigo, e de forma a induzir a pronúncia correta ao leitor, usar-se-á *Taxila*.

ser necessário citar Taxila pois era onde Kautilya trabalhava como um dos professores de altos estudos. A cidade se dividia em internatos conduzidos por esses professores que recebiam os alunos de diversas regiões da Índia, e de fora dela também. Segundo Patrick (2015), lá se aprendia sobre os textos antigos, sobre ciência militar, medicina, treino de elefantes, tiro com arco e diversas outras especializações.

Kautilya, cujo nome original era Chanakya, em sânscrito significaria “maligno” ou “astuto”, revelando aspectos impiedosos e pragmáticos da personalidade de Chanakya (Roy, 2023). Certo dia, Kautilya teria ido a uma audiência com o Imperador Dhana Nanda, em Magadha, para solicitar recursos financeiros para sua escola e teria sido gravemente ofendido e humilhado pelo rei, tendo que fugir para não ser preso. A partir daquele momento, Kautilya jurou vingar-se de Dhana Nanda. Patrick (2015) relembra que Dhana Nanda, durante essa época, controlava vastas regiões do leste do subcontinente indiano (Figura 2).

Mas qual teria sido efetivamente o tamanho e poder do Império Nanda? Para ilustrar a grandiosidade dos Nanda será usado como parâmetro Alexandre, o Grande. Mesmo após ter derrotado o rei Poros, na batalha de Hidaspes (326 a.C.), as tropas helênicas não avançaram mais a leste do subcontinente indiano, optando por descer o rio Indo até o oceano e retornar para oeste (Figura 2). Naquela batalha, Alexandre conduziu uma cavalaria de cerca de 4.000 homens e 30.000 infantas contra 3.000 cavaleiros, 50.000 infantas, 200 bigas e 200 elefantes de batalha indianos (Patrick, 2015). Enquanto Alexandre e Poros batalhavam às margens do rio Hidaspes, o império Nanda já dominava toda a parte norte do subcontinente indiano, tendo subjugado a maior parte das Mahajanapadas (Figura 2).

Figura 2 – Alexandre, Poros e o Império Nanda.



Fonte: Adaptado pelo autor de Purohit (2022).

Daniélou (1983) relembra que, nesse mesmo período, Dhana Nanda possuía uma força estimada de 20.000 cavalos, 200.000 infantas, 2.000 bigas e 3.000 elefantes de batalha. Conclui-se, assim, que Alexandre, o Grande, enfrentou um rei secundário na dinâmica geopolítica indiana daquele período. O recuo de Alexandre, após a vitória sobre Poros, pode ser um indicador de que finalmente o Império Macedônico havia encontrado seu limite de expansão. Mais ainda, compreende-se agora que derrubar o Império Nanda não seria algo trivial e que, o fato de Kautilya ter feito isso iniciando sendo somente um professor, reforça o interesse por sua estratégia.

Kautilya precisava de um rei para executar seu plano. Alguém que pudesse liderar enquanto ele planejava e calculava as estratégias. Rezam as tradições históricas budistas e jainistas que Kautilya, fugindo após a humilhação sofrida com Dhana Nanda, encontra Chandragupta Maurya brincando com amigos na rua. As crianças brincavam de ser rei e simulavam ordens e julgamentos entre eles. Kautilya teria identificado em Chandragupta alguém com potencial para ser o veículo de sua vingança, o levando de volta para Taxila para treinamento (Mookerji, 1981).

Dessa forma, os dois se tornaram inseparáveis, sendo Chandragupta um exímio comandante militar e exemplo de realeza indiana⁸, e Kautilya seu grande

⁸ Mookerji (1981) recorda que Chandragupta era de família nobre de um dos clãs do Nordeste indiano, mas que havia sido destruída pelo imperador Nanda, fazendo dele órfão ainda na infância. Esse clã seria o Maurya, cujo símbolo era um pavão.

estrategista e mestre. Thapar (1996) explica que, durante o recuo de Alexandre, os dois angariaram alguns líderes de menor vulto e marcharam diretamente para a capital do império Nanda, Pataliputra, sendo derrotados. Segundo Thapar (1996), durante a marcha de volta ambos teriam visto uma mãe explicar ao filho que não se deve comer um prato quente pelo centro, mas aos poucos e pelas beiradas. Com isso, Chandragupta e Kautilya passaram a atacar as regiões externas do império e, aos poucos, foram angariando aliados e se fortalecendo. Após a morte de Alexandre, em 323 a.C., os dois passaram a atacar os invasores gregos. Em 305 a.C. Chandragupta fechava acordo com Seleuco⁹, recebendo os territórios do atual Afeganistão e Paquistão. Alguns historiadores descrevem esse acordo como uma paz humilhante para Seleuco, tendo em vista as perdas territoriais que sofreu, em troca de elefantes para seu exército (Bhargava, 1996).

Após derrotar a dinastia Nanda e continuar a expansão de seus domínios, o Império Maurya praticamente unificou todo o subcontinente indiano. Em seu ápice, sua população seria de mais de 50 milhões de pessoas, estendendo-se do Afeganistão a Bengala (Wolpert, 1982). Seus exércitos eram incomparáveis a nenhum outro da época e diversas vezes maior que os de Alexandre. Chandragupta Maurya teria sob seu poder cerca de 600.000 infantas, 30.000 cavaleiros, 8.000 bigas de combate e 9.000 elefantes (Bhargava, 1996). Mais ainda, a capital do Império Maurya, Pataliputra, era a maior cidade do mundo, possuindo 570 torres e 64 portões, cercada por um poço de 200 metros de largura e 15 metros de profundidade. Pataliputra era o dobro de Roma, durante o comando de Marcos Aurélio (Raychaudhuri, 1996).

Vittal (2011) relembra que, com Chandragupta, a Índia estava unificada pela primeira vez. Kautilya tornava-se o gênio incontestável, criador da estratégia que fundou e ergueu o Império Maurya. Para consolidar o poder central e assegurar seu pleno funcionamento, durante esse processo, Kautilya escreveu o *Arthashastra*, provendo orientações para um rei sábio derrotar seus inimigos, governar com correção e em prol do bem comum (Boesche, 2002).

Nas próximas seções deste artigo, o conteúdo do *Arthashastra* será apresentado, destacando sua relevância para o pensamento estratégico contemporâneo, com enfoque nas guerras híbridas. Porém, de forma a melhor contextualizar tal abordagem, cabe uma breve atualização das definições de guerra híbrida presentes em diversos manuais, publicações, artigos e livros. Na próxima seção, será apresentado um resumo do debate atual sobre os conceitos

⁹ Seleuco foi um dos generais de Alexandre e assumiu o controle dos territórios gregos vizinhos à Índia.

que orbitam o fenômeno das guerras híbridas, sugerindo uma definição própria para uso neste artigo.

3 – GUERRAS HÍBRIDAS E O SÉCULO XXI.

O mundo de hoje é marcado por uma profunda transformação da ordem internacional, abrindo espaço para uma configuração mais plural e interdependente. Amitav Acharya (2018) descreve a ordem mundial como multipolar complexa (*multiplex*¹⁰), caracterizada pela diversidade e interdependência de atores estatais e não estatais. Tal ordem não seria puramente multipolar, dividida entre blocos de poder rivais, mas sim plural, comportando múltiplas fontes de autoridade, legitimidade e influência. Nesse cenário *multiplex*, os desafios estratégicos e políticos se tornam mais complexos e exigem novas abordagens e ferramentas. Como relembra Clausewitz (1976), um governante deve compreender em que tipo de conflito seu Estado está, de forma pragmática e inequívoca. Deve ser capaz de identificar a natureza desse conflito e não tentar transformá-lo em algo que não é. O alerta de Clausewitz não poderia ser mais atual, uma vez que existe uma necessidade premente de adaptação na forma como os Estados competem por espaço, poder e influência no séc. XXI.

A preferência dos Estados, de recorrer ao uso convencional da força armada para a resolução de conflitos, está sendo progressivamente restrita devido a uma série de fatores. Como apontado por Galleotti (2023), a superexposição do campo de batalha à opinião pública, como na Guerra do Vietnã (1955-1975), marcou o início de uma tendência de declínio no uso de operações cinéticas como ferramenta para alcançar objetivos nacionais. Isso se deve, em grande parte, à crescente exposição do campo de batalha à opinião pública e à aversão à perda de vidas humanas em conflitos armados.

Soma-se a isso o caráter *multiplex* de Acharya (2018), incluindo a teia de atores interdependentes, como organizações internacionais, organizações não-governamentais, movimentos sociais transnacionais, redes sociais, grandes fundos de investimento, companhias transnacionais e organismos regionais. No entanto, mesmo reconhecendo que as ações não cinéticas são opções mais aceitáveis, cabe lembrar que a solução militar convencional não deve ser descartada como algo ultrapassado, como observado na operação especial russa em território soberano ucraniano, deflagrada em fevereiro de 2022.

As diversas definições de guerra híbrida disponíveis convergem para o entendimento de que os atores têm empregado todos os meios disponíveis,

¹⁰ Do idioma inglês “*multipolar + complex = multiplex*”.

secretos ou ostensivos, na disputa por poder. De forma mais abrangente, os conceitos de *political warfare* de Kennan (1948), de *irrestricted warfare* de Liang e Xiangsui (1999) e de *gibridnaya voyna* explicado por Friedman (2017), argumentam que a guerra entre Estados se inicia bem antes do conflito cinético ocorrer, sendo este último indesejado e evitável. Todos os recursos à disposição do Estado poderiam ser empregados para moldar o ambiente geopolítico, preferencialmente de forma velada, evitando a escalada para o conflito armado.

Outras definições exploram a região das guerras híbridas mais próximas ao conflito, como as contribuições de Hoffman (2017), Korybko (2015) e novamente Friedman (2021). Hoffman, por exemplo, argumenta que a guerra híbrida, ou guerra de nova geração para o pensamento russo, explora as capacidades convencionais, não convencionais, irregulares e ações terroristas para criar situações militares, políticas e econômicas favoráveis ao posterior emprego da força convencional.

No Brasil, não existe uma definição de guerra híbrida no “Glossário das Forças Armadas” (BRASIL, 2017). Ainda assim, a definição de ameaças híbridas foi publicada pela Marinha do Brasil em 2020 como sendo:

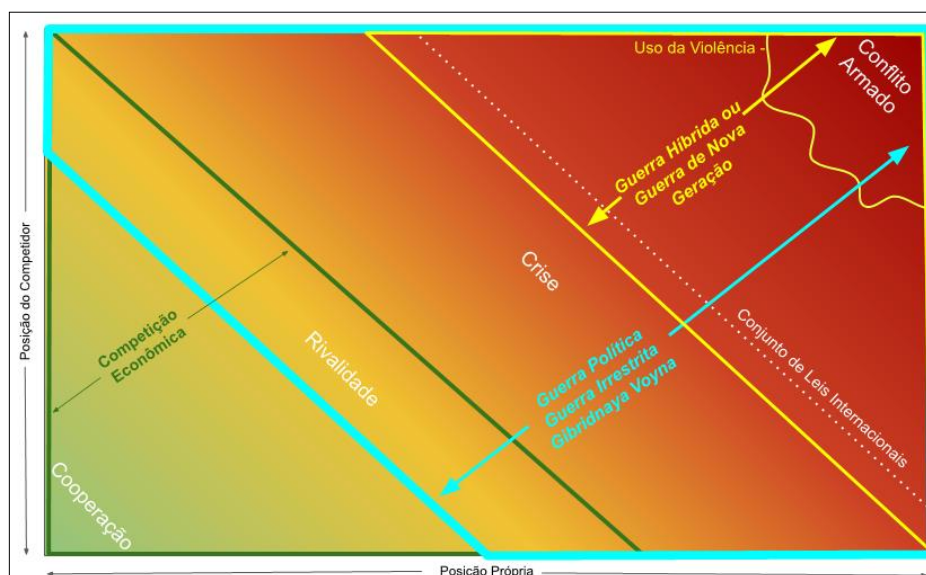
Emprego sob medida, por ator oponente, de múltiplos instrumentos, militares ou não, como operações psicológicas, ataques cibernéticos, pirataria, ações terroristas, propaganda, contrapropaganda, desinformação, ações econômicas, crimes ambientais, interferências nas comunicações, ações de forças regulares e irregulares contra infraestruturas críticas, ataques nucleares, biológicos, químicos ou radiológicos, bem como outras atividades criminosas ou subversivas de naturezas diversas, combinando ações simétricas e assimétricas, com seu efeito sinérgico, podendo atuar em ambientes físicos ou não, particularmente o informacional, direcionados a vulnerabilidades específicas do alvo, visando a atingir os efeitos desejados pelo agressor e, normalmente, a partir de desestabilização, medo e incerteza gerados na sociedade como um todo ou em parte dela. (BRASIL, 2020, p 1)

Wieland (2022) sintetiza a definição, argumentando que a ameaça híbrida seria ação planejada que envolve mais de uma ferramenta, militar ou não, para desestabilizar e gerar medo e incerteza na sociedade, contra uma vulnerabilidade particular.

Ao analisar o *Competition Continuum* (EUA, 2019) e o *Competing* (EUA, 2020), dois documentos estadunidenses que discorrem sobre a competição Estatal, Patriota (2023) defende que não seria possível delimitar quando a *political warfare* ou a *gibridnaya voyna* começam, sugerindo que tais modalidades seriam algo permanente nas relações internacionais. A Figura 3 ilustra a gradação da competição, desde a cooperação em tempos de paz até um possível conflito

armado. Nessa figura também estão apresentadas as diversas definições que orbitam o conceito de guerra híbrida.

Figura 3 – Da Paz ao Conflito Armado.



Fonte: Adaptado pelo autor a partir de Patriota (2023) e MCDL (2022).

Além das definições de acima, diversos Estados têm formalizado definições similares em seus documentos oficiais. A República Italiana, por exemplo, publicou o *Approccio della Difesa alle Operazioni Multidominio* (Itália, 2022) em que argumenta que o Estado deve ser capaz de atuar com todos os seus poderes, de forma integrada e preventiva, para gerar efeitos duradouros que contribuam para evitar a escalada da competição em conflito armado. Ainda neste documento, os italianos debatem autores estadunidenses que procuraram definir a abordagem chinesa ao tema. Citando Halper (2013), Mattis (2018) e Solen (2020), sugerem a possível doutrina chinesa das três guerras, voltadas a influenciar narrativas internacionais, enfraquecer a vontade do inimigo e plasmar informações diplomáticas e políticas.

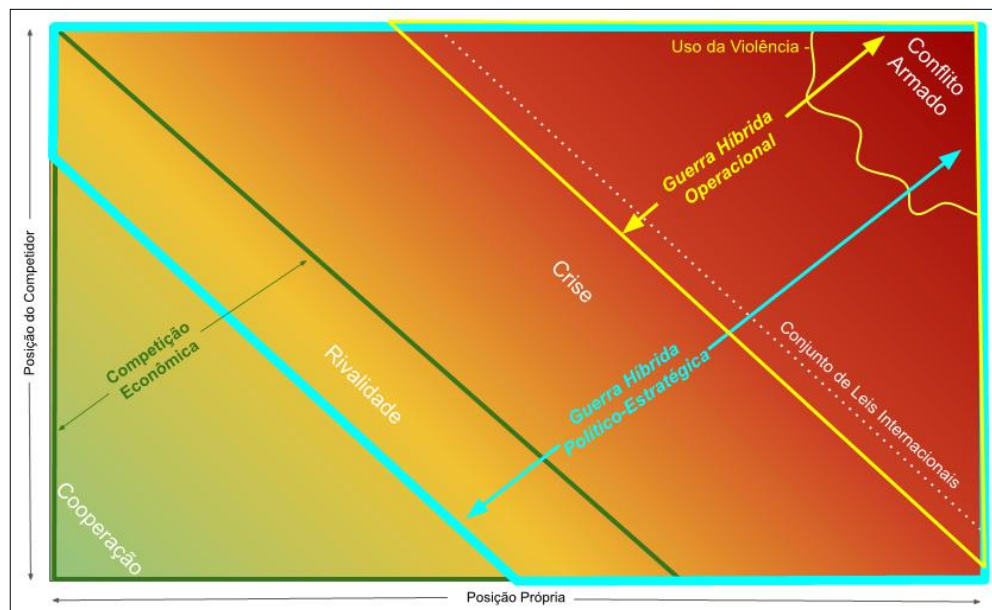
A publicação italiana relembra as definições desses três tipos de guerra na China, propostas pelo Pentágono, que seriam a guerra psicológica, a guerra de opinião pública e a *lawfare*. Na primeira, a propaganda, o engano e a coerção visam a influenciar o processo decisório adversário. Na segunda, o foco é na opinião pública buscando apoio tanto interno e internacional. Na terceira, emprega-se as leis nacionais e internacionais para sustentar os objetivos chineses, gerenciar repercussões políticas e influenciar o público-alvo (Itália, 2022). Percebe-se, tanto na Itália quanto possivelmente na China, o mesmo entendimento da necessidade de desenvolver capacidades de atuação estatal que vão além de somente operações cinéticas convencionais.

Depreende-se que, bem antes da opção de uso da violência, os Estados já estão empregando uma série de ferramentas e artifícios para alcançar seus objetivos. Mais ainda, essas atividades são planejadas e executadas de forma velada e oculta, para manter a negação plausível do nível político e evitar a escalada para um conflito armado (Hybrid CoE, 2021 e República Francesa, 2022). O Centro de Excelência Europeu para Combate às Ameaças Híbridas (Hybrid CoE) publicou em 2021 o “*The Landscape of Hybrid Threats: a conceptual model*” ampliando o debate sobre o assunto. Nessa publicação, a competição é dividida em 3 fases: preparação (*priming*), desestabilização (*destabilization*) e coerção (*coercion*).

Ao argumentar que a fase de preparação pode durar décadas, tendendo a ser executada para contribuir com políticas estatais estratégicas, a publicação defende que a abordagem não deve mais ser somente a nível de governo. A atuação e resiliência contra ameaças híbridas deve ser algo que olhe para a sociedade como um todo, aproximando a sociedade civil, as forças armadas e os atores políticos de forma a criar um ecossistema de segurança novo (Hybrid CoE, 2021).

Visando a propor um conceito que unifica a abordagem, sugere-se que o fenômeno do emprego de todos os meios disponíveis, de forma clandestina ou ostensiva e em um contexto de competição internacional, seja doravante chamada simplesmente de guerra híbrida. Dessa forma a *political warfare*, a *irrestricted warfare* e a *gibridnaya voyna* seriam conceitos da guerra híbrida a nível político-estratégico. Já os conceitos e eventos descritos nas definições de Hoffman, Korybko e Friedman abarcariam a guerra híbrida a nível operacional. Assim, para efeitos deste artigo todos os conceitos serão unificados em um só, doravante chamado “guerra híbrida”, variando somente seu nível de emprego (Figura 4).

Figura 4 – Conceito unificado de Guerra Híbrida.



Fonte: Adaptado pelo autor a partir de Patriota (2023) e MCDC (2022).

Como será apresentado na próxima seção, a estratégia de guerra híbrida moderna, caracterizada por sua natureza multifacetada que usa todos os instrumentos do poder nacional, reflete em grande parte a abordagem de Kautilya em seu "Arthashastra". A próxima seção argumenta que Kautilya, há 2.300 anos, dividiu a guerra em três tipos: silenciosa, traiçoeira e aberta, já empregando todas as ferramentas disponíveis ao Império Maurya para impor seus interesses no subcontinente indiano. Instrumentalizando atores religiosos, espalhando espiões, assassinando líderes oponentes de forma oculta e atuando na dimensão cognitiva da população, Kautilya defendia que o bem-estar de um Estado dependia diretamente de uma política externa ativa. Uma política externa que, para os padrões atuais, seria classificada como híbrida.

4 – O ARTHASHASTRA DE KAUTILYA E AS GUERRAS HÍBRIDAS

O mundo de hoje, apesar de ser muito diferente daquele em que Kautilya viveu e escreveu o seu Arthashastra, permite diversos paralelos aproximando essas duas realidades. Pretende-se argumentar que algumas ideias de Kautilya mostram-se relevantes e aplicáveis para lidar com os desafios contemporâneos, especialmente no contexto das guerras híbridas inseridas na dinâmica de mundo multiplex. Kautilya reconhecia que o Estado não era o único ator relevante no sistema internacional, mas que havia outros atores estatais e não estatais, como

os reinos vizinhos, os povos estrangeiros, os comerciantes, os sacerdotes, as religiões e os espiões. Roy (2023) defende que ao escrever sobre as diversas camadas do poder estatal, Kautilya teria abordado, dentre diversos assuntos, a grande estratégia, a estratégia militar e a tática.

O Arthashastra é um tratado composto por 15 livros, que aborda diversos temas relacionados ao governo, à administração, à economia e à estratégia do Império Maurya. Os primeiros seis livros descrevem detalhadamente como deve ser o funcionamento do Estado. Eles versam desde o treinamento de um rei, até a divisão administrativa do governo, impostos, leis, punições e controle de criminalidade (Vittal, 2011).

Os demais livros abordam assuntos afetos à política externa, com destaque para os métodos de se relacionar com reinos vizinhos, a mandala do círculo de Estados, vulnerabilidades e ameaças a um Estado, preparação para a guerra, inimigos e campos de batalha, funções de um conquistador, conquista de capitais fortificadas e fórmulas secretas para venenos e “ataques biológicos”. (Vittal, 2011). Os quinze livros podem ser agrupados em três grandes áreas temáticas: administração, sistema jurídico e política externa. O escopo deste artigo será estudar a política externa de Kautilya e suas orientações para a estratégia de expansão, especialmente no que tange às ações que antecedem os conflitos armados, enquadráveis no conceito de guerra híbrida.

Propõe-se estruturar a abordagem da estratégia de Kautilya iniciando pela sua definição dos constituintes do Estado. Depois, avançando na política externa propriamente dita, a estratégia de expansão e conquista que Kautilya traçava será descortinada, posicionando os reinos vizinhos em aliados ou inimigos, conforme um sistema peculiar de fronteiras e influências: a mandala de Kautilya. Traçado esse panorama geral, esta seção abordará como Kautilya atuava nas diversas fases que antecedem o conflito aberto e como tais ações poderiam ser análogas às guerras híbridas do séc. XXI.

Para Kautilya, o Estado era composto por seis constituintes internos que incluíam o rei, os ministros, a cidade fortificada, a população, o tesouro e o exército. O poder que um Estado poderia exercer na promoção dos seus próprios interesses face a outros Estados dependia de quão próximos do ideal estavam esses constituintes internos, sendo vital sua manutenção e fortalecimento (Singh, 2022). É importante notar que a sociedade da época de Kautilya seguia a forma tradicional hindu, e era composta principalmente por quatro “castas”. Os Brâmanes eram sacerdotes intelectuais, sendo Kautilya um deles. Os Xátrias eram guerreiros e governantes, incorporados para o serviço militar e para a proteção do país, dos quais pode-se citar Chandragupta. Os Vaixas estavam associados a

agricultura e comércio e os Shudras eram a espinha dorsal da capacidade produtiva da nação, servindo como trabalhadores do campo e artesãos.

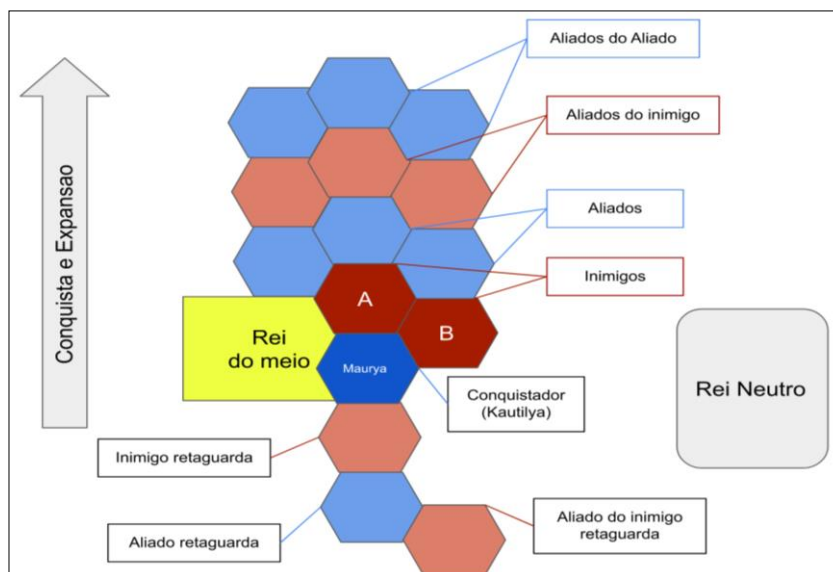
Embora Kautilya defendesse a manutenção do sistema de castas, ele considerava o Estado superior à religião, defendendo pragmaticamente que, em caso de guerras, comerciantes e agricultores deveriam incorporar ao exército de guerreiros. Kautilya elevou o poder do Estado, priorizando-o acima das demandas de classe e religião (Boesche, 2002).

Ainda no campo interno, apesar da fama de pragmático e impiedoso, Kautilya também era visto como um grande humanista, priorizando o bem-estar do povo e introduzindo, por exemplo, direitos para grávidas, idosos, deficientes e pessoas com menos condições de serem independentes. Roy (2023), entretanto, explica que tais medidas visavam evitar que vulnerabilidades sociais permitissem a interferência de potências externas. Dessa forma, mantendo a confiança no governo, diminuiria a efetividade de espiões inimigos, subversões, levantes e rebeliões, fortalecendo a resiliência do império contra ameaças silenciosas de outros reinos.

Nesse ponto tem-se uma primeira lição do *Arthashastra*, aplicável ao contexto de guerras híbridas do séc. XXI, que é a necessidade de fortalecer o governo. Quanto mais estável e coesa for uma sociedade, menos vulnerabilidades às instituições estarão disponíveis para serem exploradas por atores rivais. Como indicam as teorias dos *Shatterbelts* de Cohen (2015) e o Prometeísmo descrito por Korybko (2015), tais fragilidades estruturais na sociedade podem ser exploradas para a fragmentação do território ou para enfraquecer a capacidade de reação em assuntos específicos. Dessa forma, Kautilya explorava as vulnerabilidades dos reinos vizinhos, ao mesmo tempo que reforçava e construía sua resiliência na própria sociedade Maurya.

Passando agora para o campo externo, Roy (2023) relembra que Kautilya estabeleceu sua estratégia para a política externa baseada em uma mandala de Estados. Essa representação formava um mosaico multipolar dos reinos vizinhos e permitia organizar melhor as estratégias e orientar a direção da conquista (Figura 5).

Figura 5 – Mandala da Política Externa proposta por Kautilya.



Fonte: Adaptado pelo autor a partir de Palande (2019).

Um rei vizinho é designado inimigo, pois mesmo que ele próprio não esteja ativamente engajado como inimigo, se for competente, ele planeja fazê-lo quando chegar o momento certo. Um Estado fronteiriço é, portanto, sempre um inimigo em potencial e, da mesma forma, o inimigo do inimigo é um aliado. Sharma (2022) explica que, ainda no contexto da estratégia da mandala, existiriam o Rei do Meio e o Rei Neutro. O primeiro seria fronteiriço a ambos os rivais, com interesse direto na região, podendo desequilibrar o conflito para um dos lados ou decidir atacar ambos simultaneamente. O segundo seria um reino superior, fora da influência de ambos os rivais, mas que poderia auxiliar qualquer um desses.

Sharma (2022) e Roy (2023) apresentam diversos exemplos da aplicação análoga à mandala no cenário geopolítico contemporâneo. Os autores citam a aproximação da Índia ao Afeganistão e Japão, no contexto da rivalidade com o Paquistão e China respectivamente, e a própria China estreitando relações com o Paquistão e Sri Lanka, no contexto da rivalidade territorial com os indianos.

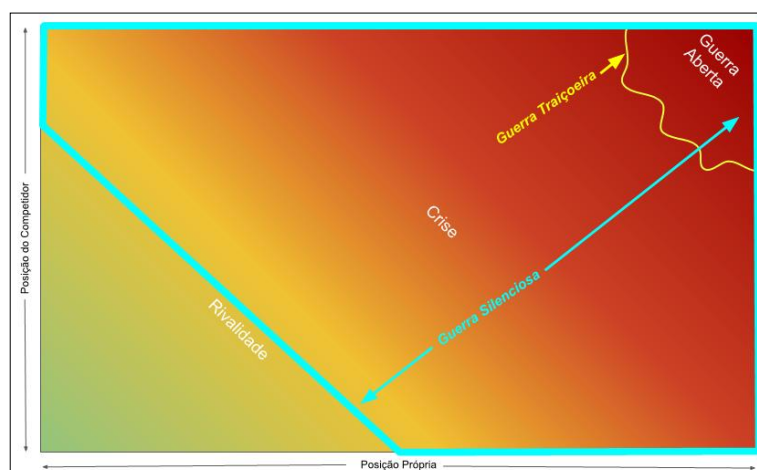
Após delimitar o ambiente estratégico de expansão de Kautilya, os meios usados para tal serão abordados, destacando diversos instrumentos de subversão, assassinatos, intrigas, sabotagem, além da instrumentalização de aspectos sociais dos reinos rivais, em um *continuum* de disputa. Kautilya argumentava que num ambiente político multipolar, é importante lidar com as aspirações de outros reinos, planejando o emprego de numerosos meios pacíficos ou hostis. Para o pensador indiano, era vital compreender a guerra como mais do que um mero combate, e sim como um processo complexo, contínuo e

interconectado de atividades em todas as camadas de interação humana (Roy, 2023).

Kangle (1986) explicou que para atingir os objetivos políticos, Kautilya defendia que o governante deve ter controle sobre todos elementos do poder, sejam eles econômicos, sociais ou militares. Percebe-se grande similaridade entre o proposto por Kautilya e o conceito de guerra híbrida político-estratégica proposto na seção anterior.

Kautilya dividiu o *continuum* de rivalidade entre os reinos em etapas, que refletiam a condição de poder de seu reino em relação aos demais e a postura a ser adotada em cada situação. Essa autoanálise variava desde uma percepção de que dever-se-ia procurar proteção de um reino mais forte, passando pela capacidade de negociar uma paz condicional com um agressor até a possibilidade de preparar os exércitos para uma marcha expansiva (Singh, 2022). Para esta análise de guerra híbrida, uma importante contribuição de Kautilya foi sua divisão da guerra em três tipos distintos: a guerra aberta, a guerra velada e a guerra silenciosa (Figura 6).

Figura 6 – Divisões da guerra, segundo Kautilya.



Fonte: Adaptado pelo autor a partir de Patriota (2023) e MCDC (2022).

O projeto de expansão territorial de Kautilya exigia um ciclo constante de conflitos das mais variadas intensidades, desde rivalidades iniciais nos campos econômico e social, até o conflito aberto convencional. Dessa forma, com os reinos ainda em estágio de rivalidade, Kautilya já iniciava o emprego da guerra silenciosa. Na preparação para uma batalha convencional, as ações de guerra traiçoeira visavam desgastar e enfraquecer as tropas inimigas. Por fim, a guerra convencional entre exércitos era definida como guerra aberta por Kautilya.

As guerras traiçoeiras e abertas eram focadas no emprego do poder militar, com atuações periféricas dos demais poderes imperiais. Na traiçoeira, ações irregulares e psicológicas que buscavam desgastar as tropas inimigas eram

conduzidas, antes da guerra aberta. Assim, na guerra traiçoeira a ideia era realizar pequenos ataques surpresa em acampamentos, golpear quando houvesse problemas disciplinares, atuar com ações de guerrilha e usar de propaganda para desmoralizar ou assustar os soldados inimigos. Já na guerra aberta, Kautilya explicava que deve ser aquela que se escolhe um campo de batalha favorável e, sendo superior nas tropas, envolve-se em um confronto direto (Vittal, 2011).

Entretanto, cabe destacar que Kautilya limitava a atuação das tropas convencionais, em caso de guerras abertas. Segundo o pensador indiano, uma política humanitária em direção a um povo derrotado era desejável, tratando os derrotados de maneira magnânima. Agindo dessa forma seria mais fácil incorporar os novos cidadãos e evitar rebeliões e revoltas. Mais uma vez, observa-se a percepção de Kautilya com os aspectos sociais, reforçando o entendimento de que essa seria uma vulnerabilidade crítica a ser explorada em sua estratégia.

A grande contribuição de Kautilya para as guerras híbridas reside na guerra silenciosa. Na escalada das tensões, a guerra silenciosa inicia usando métodos secretos para atingir o objetivo, sem ser necessário travar uma batalha. É aquela em que os negócios corriqueiros do império continuam normalmente, sem qualquer interrupção. As pessoas da terra não têm conhecimento de quaisquer atividades relacionadas com a guerra e mesmo a nível oficial, as relações diplomáticas dos reinos ainda estão estabelecidas normalmente. O campo de batalha neste tipo de guerra é estabelecido através de espiões e agentes secretos que pretendem criar divisão interna no Estado inimigo.

Segundo Chande (2004), Kautilya defendeu a criação de um serviço secreto com espiões e agentes duplos, além de especialistas para desempenhar as funções de vigilância interna e externa, inteligência, garantia da lei e da ordem, subversão, espionagem e assassinatos. O serviço secreto foi um importante braço para obter a consciência situacional interna e externa, exercendo um controle social e garantindo o bem-estar do Estado (Patrick, 2015). Para Kautilya, um rei deve ter seus agentes nas cortes dos reis inimigos, aliados, intermediários e neutros para espioná-los, bem como seus diversos tipos de altos funcionários.

Uma segunda lição do Arthashastra que se aplica aplicar no contexto contemporâneo foi a instrumentalização, por Kautilya, de diversas ferramentas sociais para alcançar seus objetivos. Muitos de seus espiões eram sacerdotes que tinham como missão usar sua influência religiosa para subverter a sociedade alvo ou incitar rebeliões e golpes. Kautilya argumentava que resultados milagrosos podem ser alcançados praticando os métodos de subversão. Segundo ele, um único assassino poderia conseguir mais do que um exército totalmente mobilizado (Vittal, 2011).

Kautilya também adverte sobre a necessidade de um rei se proteger contra traição interna, revoltas e rebeliões antes de prosseguir em uma campanha militar. Mais uma vez, o documento milenar indiano sinaliza para a urgência de se investir no governo instituído, incrementando a resiliência contra ataques silenciosos e reforçando a vigilância interna. Vulnerabilidades sociais que fragmentem a coesão nacional devem ser identificadas e sanadas de forma a construir e assegurar uma defesa às ameaças híbridas no contexto da guerra silenciosa.

Assim, o Arthashastra oferece valiosos insights que podem aprimorar o entendimento do fenômeno das guerras híbridas contemporâneas. Essa teoria, em combinação com a perspectiva multiplex de Amitav Acharya, revela aspectos fundamentais para uma análise mais completa desse desafio global. Sua visão sistêmica apresenta aspectos bastante próximos ao conceito proposto pelo Hybrid CoE (2021), da urgência de um novo ecossistema de segurança. Um ecossistema que, idealmente, integre todos os setores da sociedade e incremente a resiliência frente a ameaças híbridas.

Além disso, os ensinamentos de Kautilya também destacam a importância de explorar vulnerabilidades nos atores alvos externos. Isso se traduz em estratégias que envolvem a identificação de fraquezas em adversários e o uso de meios híbridos para explorá-las. No cenário contemporâneo de interconectividade digital, essa abordagem assume uma importância crítica. Informações desestabilizadoras podem se espalhar rapidamente, atingindo toda uma sociedade em questão de horas, tornando a compreensão e a proteção do governo ainda mais cruciais. Da mesma maneira, desenvolver a capacidade de realizar essas ações em Estados de interesse, de forma silenciosa, pode ser cada vez mais necessário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, buscou-se resgatar o antigo Arthashastra de Kautilya e argumentar que suas lições permanecem relevantes para a formulação de estratégias contemporâneas, especialmente no contexto das guerras híbridas. Na primeira seção, julgou-se oportuna uma contextualização inicial para apresentar o cenário em que Kautilya escreveu sua obra. Compreendendo o desafio de construir o império Maurya, percebe-se a importância daquela personagem para o subcontinente indiano e para o mundo.

Kautilya merece um lugar no seleto grupo de grandes estrategistas da humanidade, cuja figura personifica a síntese da astúcia, da ética, da flexibilidade e da disciplina, alguns dos elementos cruciais na arte da estratégia. Kautilya, com

sua visão abrangente que integra aspectos políticos, econômicos, militares e sociais, relembra que a verdadeira maestria estratégica requer um entendimento holístico do mundo. Sua ênfase na adaptação, na inteligência e na construção de resiliência permanece como um farol orientador em um cenário global em constante mutação.

Em seguida, na segunda seção, procurou-se unificar os conceitos bibliográficos em torno do fenômeno das guerras híbridas, dividindo em um nível político e estratégico, e em outro operacional e tático. Assim, *political warfare* de Kennan (1948), de *irrestricted warfare* de Liang e Xiangsui (1999) e de *gibridnaya voyna* explicado por Fridman (2017), *seriam* conceitos da guerra híbrida a nível político e estratégico. E, da mesma forma, os conceitos guerra híbrida, ou guerra de nova geração, descritos por Hoffman (2017), Korybko (2015) e Fridman (2021) abarcariam a guerra híbrida a nível operacional e tático.

Naquela seção também, destacou-se o atual cenário multiplex de Acharya (2018), que descreve a coexistência de uma rede complexa de atores interdependentes, organizações internacionais, ONGs, movimentos sociais, redes sociais e empresas transnacionais. Evitando o desgaste dos conflitos convencionais, os atores estariam optando por meios alternativos, preferencialmente de forma silenciosa, para competir por poder. A preparação ou *priming* desse ambiente de disputa, que pode durar décadas (Hybrid Coe, 2021), exige uma abordagem mais ampla que envolva a sociedade civil, as forças armadas e os atores políticos.

Assim, como alertava Clausewitz, faz necessário compreender a natureza do conflito em que se está imerso, seja ele militar ou não. As ameaças híbridas envolvem a utilização estratégica de uma ampla gama de instrumentos, tanto militares quanto não militares, para desestabilizar e semear o medo e a incerteza na sociedade, direcionados a vulnerabilidades específicas do alvo. Essas ações, que podem incluir operações psicológicas, ataques cibernéticos, propaganda, entre outras, operam em um contínuo de competição estatal. A rivalidade internacional na “zona cinzenta” e o fenômeno das guerras híbridas exigem uma postura mais proativa, incrementando a resiliência dos poderes nacionais.

A terceira seção deste artigo explorou a política externa de Kautilya, focando na divisão da guerra em três tipos (aberta, traiçoeira e silenciosa). Tal proposta fornece conceitos aplicáveis às disputas contemporâneas, especialmente quando as ações silenciosas na "zona cinzenta" se tornaram predominantes. Kautilya desenvolveu uma abordagem estratégica holística, que ia além das batalhas físicas, enfatizando o papel crucial de agentes de inteligência, diplomacia, além da manipulação do governo instituído.

Kautilya introduziu o conceito de Mandala, que é um sistema de relações internacionais baseado na geografia e na proximidade dos estados. Segundo essa ideia, os estados vizinhos são considerados naturalmente inimigos, enquanto os estados mais distantes podem ser aliados. A política externa de Kautilya busca equilibrar as relações dentro do Mandala, utilizando estratégias como alianças, manipulação e equilíbrio de poder para proteger os interesses do reino. Ao longo do "Arthashastra", observa-se a importância de ganhar o apoio da população local, estabelecendo governança eficaz nas terras conquistadas e empregando métodos subversivos para minar os inimigos. Kautilya compreendeu que a vitória estratégica não se limitava ao campo de batalha, mas abrangia uma série de ações iniciadas de forma silenciosa, ainda no contexto de rivalidade pacífica. Além disso, enfatizou a necessidade premente de investir no fortalecimento da sociedade, buscando aprimorar a resiliência contra ameaças silenciosas.

Depreende-se, assim, que é crucial identificar e corrigir vulnerabilidades sociais que possam minar a coesão nacional, construindo, assim, uma defesa robusta contra as ameaças híbridas, particularmente no contexto da guerra silenciosa de Kautilya. Essa abordagem também se estende aos competidores externos, pois a proteção do próprio Estado requer a capacidade de explorar vulnerabilidades semelhantes em atores estrangeiros. Tais conceitos possuem forte aderência com os desafios modernos das guerras híbridas.

Em conclusão, o objetivo deste artigo foi alcançado ao evidenciar como a história de Kautilya e sua influência sobre o crescimento do império Maurya oferecem uma rica fonte de *insights* para os desafios estratégicos contemporâneos. Além disso, estudar o "Arthashastra" fornece uma base sólida para o desenvolvimento de estratégias contemporâneas, pois apresenta princípios perenes que podem ser adaptados às complexidades dos desafios enfrentados no mundo atual. Suas ideias sobre governança, inteligência e resiliência continuam sendo fontes valiosas de conhecimento para líderes e estrategistas modernos.

O mundo multipolar complexo exige uma mentalidade estratégica flexível e abrangente, que vá além das teorias hegemônicas do passado. Além disso, as ameaças híbridas, provenientes da competição entre atores diversos, são cada vez mais uma realidade. À medida que as forças globais continuam a se redefinir, é crucial construir uma nova estratégia que seja adaptável, ágil e fundamentada em lições atemporais, preparando os Estados para prosperar em um mundo em constante evolução.

REFERÊNCIAS

- ACHARYA, Amitav. *The End of American World Order*. Primeira edição publicada em 2014. Cambridge: Polity Press. 2 Ed. 2018.
- BHARGAVA, Purushottam Lal. *Chandragupta Maurya: A Gem of Indian History* New Delhi: D.K. Printworld, 1996.
- BOESCHE, Roger. *The First Great Political Realist: Kautilya and his Arthashastra*. Oxford: Lexington Books. 2002.
- BRASIL. Ministério da Defesa. *Glossário das Forças Armadas*. 5ª Ed. Brasília, 2017. Disponível em <https://www.gov.br/defesa/pt-br/arquivos/legislacao/emcfa/publicacoes/doutrina/md35-G-01-glossario-das-forcas-armadas-5-ed-2015-com-alteracoes.pdf/@@@download/fil> Acesso em 19 Ago. 2023.
- CHALIAND, Gerard. *The Art of War in World History: From Antiquity to the Nuclear Age*. Berkeley: The University of California Press. 1994, pg 287.
- CHANDE, M. B. *Kautilyan Arthshastra*. 1ª Ed. Nova Delhi: Atlantic Publishers and Distributors, 2004.
- CLAUSEWITZ, Carl von. *On War*. Ed. Michael Howard e Peter Paret. Princeton: Princeton University Press, 1976.
- COHEN, Saul. *Geopolitics. The Geography of International Relations*. Lanham: Rowman & Littlefield, 2015. 907p.
- DANIÉLOU, Alain. *Historie de L'Inde*. Paris: Fayard, 1983.
- EASWARAN, Eknath; CALIF, Tomales. *The Bhagavad Gita*. Nilgiri Press, 2007.
- ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Joint Chiefs of Staff. *Competition Continuum*. Washington, D.C., 2019. Disponível em https://www.jcs.mil/Portals/36/Documents/Doctrine%20/jdn_jg/jdn1_19.pdf Acesso em 04 Jul. 2023.
- ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Department of the Navy. United States Marine Corps. *MCDP 1-4 Competing*. Washington, D.C., 2020. Disponível em <https://www.marines.mil/Portals/1/Publications/MCDP%201-4.pdf?ver=fGwjmqkxGvv0GPe0mPgdqw%3d%3d> . Acesso em 04 de Ago. 2023.
- FRIDMAN, Ofer. *Russian "Hybrid Warfare" – Resurgence and Politicisation*. New York: Oxford University Press, 2018. 237p.
- FRIDMAN, Ofer. *Strategiya: the foundations of the Russian Art of Strategy*. Londres: C. Hurst & Co. (Publishers), 2021. 310p.
- GALEOTTI, Mark. *The Weaponization of Everything: a field guide to the new way of war*. Yale University Press, 2023. 235p.
- HALPER, Stefan. *China: The Three Warfares*. Escritório da Secretário de Defesa. Washington, D.C. 2013.
- HOFFMAN, Frank. *Conflict in the 21st century: the rise of Hybrid Wars*. Potomac Institute for Policy Studies. Dez. 2007. Disponível em https://www.potomacinstitute.org/images/stories/publications/potomac_hybridwar_0108.pdf Acesso em 05 Ago. 2023.

Hybrid CoE. *The landscape of Hybrid Threats: A conceptual model*. União Europeia e Hybrid CoE. 2021. Disponível em: https://publications.jrc.ec.europa.eu/repository/bitstream/JRC123305/conceptual_framework-reference-version-shortened-good_cover_-_publication_office_1.pdf Acesso: 21 Set. 2023

ITÁLIA. República Italiana. Stato Maggiore della Difesa. *Approccio della Difesa alle Operazioni Multidominio*. 2022. Disponível em: https://www.difesa.it/SMD/Staff/Sottocapo/UGID/Pagine/Centro_Innovazione_Difesa.aspx Acesso em 21 Set. de 2023.

KANGLE, R.P. *The Kautiliya Arthasastra. A Study*. Delhi: Motilal Banarsidass, 1965

KENNAN, George F. *Policy Planning Staff Memorandum 269*, Washington, D.C.: U.S. State Department, May 4, 1948. Disponível em: <http://academic.brooklyn.cuny.edu/history/johnson/65ciafounding3.htm> Acesso 18 Set. 2023.

KORYBKO, Andrew. *Hybrid Wars: The Indirect Adaptative Approach to Regime Change*. Moscou: People's Friendship University of Russia, 2015. 174p.

LIANG, Qiao; XIANGSUI, Wang. *Unrestricted Warfare*. Shadow Lawn Press, LLC, 1999.

MATTIS, Peter. *China's 'Three Warfares' in perspective*. War on the Rocks. 2018. Disponível em: https://warontherocks.com/2018/01/chinas-three-warfares-perspective/Acesso_22_Set_2023.

MCDC. *Multi-Domain Multinational Understanding*. Multinational Capability Development Campaign (MCDC). 2022. Disponível em: https://assets.publishing.service.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/1128898/MCDC_MDI.pdf Acesso 21 Set. 2023.

MCFARLAN, David. *Understanding Hybrid Warfare: Navigating the smoke and mirrors of international security*. 2021. ISBN 9798707952012.

MIRZA, Mahammad; BABAR, Summar. *The Indian Hbrid Warfare Strategy: Implications for Pakistan*. Progressive Research Journal of Arts and Humanities (PRJAH), 2020, 2 (1), pp.39-52.

MOOKERJI, Radha Kumud. *Chandragupta Maurya and His Times*. 4th ed. Delhi: Motilal Banarsidass, 1981.

PALANDE, Deepak. *Kautilya's Arthashastra and its relevance in the 21st century*. Center for Land Warfare Studies. 2019. Disponível em: https://archive.claws.in/images/publication_pdf/1200137411_Kautilya%E2%80%99sArthashastraanditsRelevance_in_CLAWS.pdf Acesso 25 Set. 2023.

PATRICK, Kit. *Removal of Throns* [Eposódio de Podcast]. Em Patrick, Kit (Host). The History of India Podcast. Disponível em: <https://historyofindiapodcast.libsyn.com> Acessado em 10 Ago. 2023.

PATRIOTA, Márcio. *Guerras Híbridas*. Disciplina ministrada no Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores. Escola de Guerra Naval. 2023.

PUROHIT, Shailja. *List of 16 Mahajanapadas of Ancient India: Capitals, Present Locations and Facts for UPSC*. 2022. Disponível em: <https://www.careerindia.com>

[/general-knowledge/list-of-16-mahajanapadas-of-ancient-india-capitals-present-locations-and-fact-for-upsc-032128.html](#) Acesso 30 Ago 2023.

RAYCHAUDHURI, H.C., —*India in the Age of the Nandas*. in *Age of the Nandas and Mauryas*, ed. K.A.Sastri. Delhi: Motilal Banarsidass, 1996

ROY, Kaushik. *Kautilya India's Forerunner to Machiavelli*. [Eposódio de Podcast]. Em Heuser, Beatrice e O'Neill, Paul (Hosts). Talking Strategy Podcasts. 2023. Disponível em: [https://www.rusi.org/podcasts/talking-strategy/episode-5-kautilya-indias-fore runner-machiavelli](https://www.rusi.org/podcasts/talking-strategy/episode-5-kautilya-indias-fore-runner-machiavelli) Acessado em 10 Ago. 2023.

REPÚBLICA FRANCESA. *Revue Nationale Stratégique*. 2022. Disponível em <https://www.sgdsn.gouv.fr/publications/revue-nationale-strategique-2022> . Acesso em: 05 de Jun. 2023.

SINGH, Bhupendra. *The Tenets of War Fighting as Proposed by Kautilya Can Provide Effective Strategy in Fighting Hybrid Warfare*. Defence Services Staff College. Wellington. 2022. Disponível em: <https://www.studocu.com/in/document/university-of-madras/msc-psychology/relevance-of-kautilya-and-hybrid-warfare/17085520> Acesso 22 de Set. 2023.

SHARMA, Rajvir. *Political Philosophy of Kautilya: The Arthashastra and after*. India Institute of Advanced Study. Nova Delhi: Sage Publications India Pvt Ltda. 2022.

SOLENN, Derek. *Chinese views of all-domain operations*. China Aerospace Studies Institute. 2020. Disponível em: <https://www.airuniversity.af.edu/Portals/10/CASI/documents/Research/CASI%20Articles/2020-06-30%20Chinese%20Views%20of%20All-Domain%20Operations.pdf> _Acesso 22 Set. 2023.

THAPAR, Romila, *A History of India*. Baltimore: Penguin Books, 1996.

VITTAL, Vinay. *Kautilya's Arthashastra: a timeless Grand Strategy*. Dissertação de Mestrado, Escola de Estudos Avançados Aeroespaciais. Alabama. 2011. Disponível em <https://apps.dtic.mil/sti/pdfs/AD1019423.pdf> Acesso 29 Ago. 2023.

WEBER, Max, *Politics as a Vocation*, in *Selections in Translation*, ed. W. G. Runciman, trad. Eric Matthews. Cambridge: Cambridge University Press. 1978, pag. 220.

WIELAND, Eduardo. *Guerra Híbrida no Ambiente Marítimo: Uma Compreensão Inicial*. Grupo de Estudos de Estratégia Navall da Escola de Guerra Naval. 2022. Disponível em: [https://www.marinha.mil.br/egn/sites/www.marinha.mil.br/egn/files/GUERRA%20H%C3%84BRIDA%20AMBIENTE%20MAR formatado 0.pdf](https://www.marinha.mil.br/egn/sites/www.marinha.mil.br/egn/files/GUERRA%20H%C3%84BRIDA%20AMBIENTE%20MAR%20formatado%200.pdf) Acesso 22 Set. 2023.

WOLPERT, Stanley. *A New History of India*. 2nd ed. New York: Oxford University Press, 1982.

ZIMMER, Heinrich. *Philosophies of India*. Princeton: Princeton University Press. 1969, pg 51.